

A VERDADE

VERITAS LIBERABIT VOS (S. João 8, 32.....)

CARITAS CONGAUDET VERITATI (1. Cor. 13, 6.)

Acceptam-se artigos de Colaboração, que
poderão ser dirigidos ao gerente
JACINTHO SIMAS

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
POR SEMESTRE
Capital 3\$000 — Exterior. 3\$500
PUBLICAÇÃO SEMANAL PAGAMENTO ADIANTADO

CALENDARIO

- 1 de Fevereiro.—Quarto domingo depois da Epiphania. Festa de Nossa Senhora do Desterro. S. Ignacio bispo e martyr, S. Brígida virgem.
- 2 Segunda-feira—Festa de Apresentação do N. Senhor no Templo e Purificação de N. Senhora.
- 3 Terça-feira—S. Braz bispo e martyr.
- 4 Quarta-feira—S. André Corsino.
- 5 Quinta-feira—Ss. Martyres do Japão. S. Genuino bispo.
- 6 Sexta-feira—S. Tito bispo. S. Amândio bispo. S. Doroteia virgem e martyr.
- 7 Sabbado—S. Romualdo abbade.

PELA POLITICA DO ESTADO

No dia 24 do passado janeiro teve lugar a reunião das convenções dos dois partidos que, de accordo, escolheram e recommendaram ao eleitorado para as proximas eleições de 18 do corrente fevereiro os seguintes nomes: para Vice-Presidente da Republica, Dr. Affonso A. M. Penna; para Senadores: Coronel G. Richard e Dr. F. Schmidt; e para Deputados: Paula Ramos, Elyseu, Francisco Tolentino e Dr. Abdon Baptista.

Em seguida as duas convenções elegeram de accordo, uma unica directoria do novo partido surto da fusão dos antigos, e esta ultima dirigiu ao publico uma bem redigida circular dando parte das resoluções tomadas.

Esta nova phase em que acaba de entrar a politica do Estado e o congraçamento, em tão boa hora, iniciado entre os partidos e levado adiante com perseverança e lealdade, fazem conceber as mais fundadas esperanças de um futuro melhor. Por este motivo damos nossos sinceros parabens aos iniciadores e aos executores do plano que sempre foi e continúa a ser o ideal dos que, ao interesse pessoal, preferem o real progresso e a prosperidade do Estado.

Se os antigos partidos tivessem programmas diversos e incompatíveis, não se poderia cogitar em fusão; mas este não era o caso. Elles eram apenas agremiações guiadas por chefes de influencia pessoal que se disputavam o governo e que iam consumindo suas forças em uma opposição não sempre justificada e num trabalho inproficuo, cavando sempre mais fundo a divisão que os separava.

Esta ideia de pacificação partiu dos chefes dos partidos e foi acolhida a princípio com alguma desconfiança por se julgar, encobrir ella fins occultos; mas persuadidos de contrario foi afinal abraçada por todos, menos alguns poucos a quem os antigos odios partidarios, talvez, não deixem ainda ver claro os intuitos e a utilidade da confraternisação.

Se se tratasse de repartir o conteúdo de

um cofre recheado de dinheiro, está claro que mal seria recebido qualquer adversario que se chegasse para ter seu quinhão na partilha; mas o caso é tudo outro. O thesouro está vazio: os compromissos do Estado, muitos, e é urgente impedir que elle cahia no despenhadeiro da insolubilidade permanente e no consequente descredito.

Ora, se os adversarios de hontem, a vista de extrema necessidade da patria, fazendo calar as mais ou menos justas queixas e esquecendo odios de antiga data, veem hoje offerecer seu concurso para levantar-a de seu abatimento, por qual motivo havia de ser recusada sua cooperação?

Podem os partidos ter commettido erros, estando no governo; mas a nenhum delles se pode negar patriotismo, e este mesmo patriotismo de todos os partidos é que hoje effectuou o congraçamento sincero e leal de adversarios, ora unidos num concorde esforço para a salvação do Estado que requer a dedicação de todos seus filhos.

Que um partido attribua a si unicamente, como privilegio, capacidade superior aos outros para governar, parece-nos presumpção por demais exagerada e injusta, porque qualquer que julgue sem preconceitos ha de concordar que ambos os partidos tem pessoal de prestimo e de capacidade innegavel.

Ora repellir seu concurso nas actuaes circumstancias, nos parece o caso de um que, vendo um naufrago a se debater nas ondas, não quer que outrem venha em seu auxilio para mais facilmente o salvar.

A união faz a força e a concordia alcança grandes resultados, emquanto a discórdia dá por terra com colossos os mais bem firmados.

A vista disso temos a firme convicção de que ao congraçamento, tão bem aceito pela maioria do Estado, virão-se chegando tambem alguns retardatarios, movidos pelo seu patriotismo que não pode a menos de desejar a prosperidade e a paz da familia catharinense.

O nosso jornal, alheia á politica, mas preguioso da paz, resolveu por esta vez abrir uma excepção á regra que se impoz, para externar seu modo de pensar neste importante assumpto e para reiterar seus parabens ao nosso Estado por ter em seu seio cidadãos tão abnegados, capazes de esquecer um passado de sacrificios e luctas não sempre fructuosas, para dar lugar áquelle patriotismo que hoje o bem publico lhes reclama.

CARTAS DIRIGIDAS A UM MINISTRO DA EGREJA EVANGÉLICA POR UM NEOPHYTO DA MESMA EGREJA

QUARTA CARTA

Venerando Senhor Pastor.

Desculpai-me por ter, na derradeira carta que dirigi a vossa reverencia, reproduzido muitas passagens bastante indecentes dos escriptos e da vida do nosso Patriarcha Luthero.

Não julgueis, meu amado Pastor, que seja eu levado a citar estas passagens para mostrar erudição ou contradizer á vossa doutrina. Não é por isto, não; antes pelo contrario, é pelo desejo de me firmar na fé evangelica na qual me iniciastes; porque estas passagens suscitam em meu espirito duvidas de ser este grande Reformador realmente chamado por Deus para iniciar a santa obra da Reforma, e querendo-me livrar dessas duvidas, as exponho a vós com a mesma confiança e simplicidade com que um bom filho exporia suas duvidas ao proprio pae e um discipulo a seu mestre.

Tende, pois, paciencia commigo; e como bom pae que sois, deixai-me ainda citar umas passagens dos escriptos deste homem insigne, e que me affligem bastante.

Um enviado de Deus deve ser humilde, modesto, benigno, porém Martinho Luthero era um homem de soberba insupportavel e incrível. Muitos dos seus livros appareceram com seu retrato, a cabeça com aureola de santo e em cima pairando o Espirito Santo. Elle mesmo chama-se «o Santo de Deus», «o primeiro dos Apostolos e Santos» ao passo que S. Paulo se chama «o ultimo e mais indigno dos Apostolos» (1 Cor. 4, 9. 2 Cor. 13, 9.) «Tenho a minha doutrina, diz Luthero, pela inspiração divina; a palavra não é minha, mas de Jesus Christo. Christo mesmo me nomeou seu evangelista, por isso sou juiz não só dos homens, mas tambem dos anjos, e quem não aceitar a minha doutrina não pode salvar-se.» (De Wette: Op, Luth. 28, 143).

«Assim digo eu, doutor Martinho Luthero, evangelista de Jesus Christo: ninguem deve-me contradizer nem imperador nem bispo nem papa nem rei nem principe nem mais ninguem, e quem a isso se atraver terá o fogo eterno. Esta é a minha sentença, a do doutor Martinho Luthero pelo Espirito Santo.» (De Wette: Op. Luth. 25, 76). «O doutor Martinho é um grande doutor, superior a todos os bispos, padres e frades.» (ibidem 9, 143) «Tenho tanta gloria que desde o tempo dos Apos-

tolos nenhum doutor, nem autor, nem theologo nem jurista, tem ensinado tão bem como eu o tenho feito. Pois S. Agostinho e Ambrosio não são nada em comparação de mim» (ibidem 22, 243). «Minha palavra é a palavra de Christo, minha bocca é a bocca de Christo. Não é Lutero um grande homem? Creio que é Deus.» (ibidem 9, 147). Mas o que passa as raiaes de toda a compostura e que faz duvidar da normalidade do seu juizo são as seguintes palavras que por demais esturdias trago em seu original: «Veniet tempus in quo adorabunt stercora mea.» (De Wette: Op. Luth. 20, 489.)

Basta, querido Pastor, d'estas extravagancias! e foi certamente em vista de taes excessos que Hessius, contemporaneo de Lutero e collaborador incansavel dos illustres Fundadores, disse que Deus privara Lutero do seu verdadeiro espirito por causa do orgulho desmedido que o dominava. (João Hessius: Sermão in Coena Domini.)

Pelo fim da sua vida Lutero, vendo os effeitos terriveis da sua Reforma, deu em ficar muito melancolico: via em toda parte o demonio e entretinha com elle longas conversas. «O diabo, confessa elle, está commigo quasi todas as noites.» (De Wette: Op. Luth. 22, 1076). «Quando accordo de noite, ahí está o demonio e quer disputar commigo. (ibidem 22, 1179). Via-o sob todas as formas, de porco, de cobra afogueada, de cachorro preto etc. No castello de Wartburgo atirou uma vez contra o diabo o tinteiro, ficando por muito tempo a parede manchada de tinta. No pequeno pamphleto contra o duque Henrique de Brunswick, de 30 paginas, falla no nome do demonio 146 vezes.

Porfim entregou-se cada vez mais ao costume das bebidas, e para se justificar dizia: «E' ridicula a doutrina dos papistas de que o jejuar por amor de Deus é cousa boa e meritoria; é melhor beber dia e noite do que jejuar» (De Wette: Op. Luth. 11, 730). «Durante vinte annos eu crucificava a Deus dizendo Missa; por tanto Deus me desculpe, si agora me entrego á bebedeira.» (ibidem 22, 133).

Em 18 de Fevereiro de 1546 falleceu o nosso Patriarcha Martinho Lutero. No anno antes da sua morte escreveu o ultimo pamphleto contra o Concilio Tridentino sob o titulo: «Contra o papado fundado pelo diabo,» escripto de tal maneira que não pode causar, diz o protestante Adolfo Menzel, senão sentimentos de pezar para com o autor. Eram dois pensamentos que atormentavam o nosso Fundador na vida como na morte, o demonio e o papa. No dia antes do seu fallecimento, conta seu amigo Jonas, Lutero viu o diabo sentado no poço, de frente do albergue onde se achava hospedado. A noite assistiu a um banquete com seus amigos Jonas e Miguel Celio e, antes de deitar-se, escreveu com giz na parede: «Na vida, ó papa, era eu tua peste, na morte serei a tua morte.» O dia seguinte o encontraram morto na cama.

Meu querido Pastor! Si tudo isto tivesse eu encontrado em autores papistas, dizia logo que era calunnia; porém infe-

lizmente achei tudo tal e qual nos escriptos de Lutero mesmo e dos nossos mesmos paes na fé! Não digaes, reverendo senhor, que Lutero era filho do seu tempo, em que era costume usar-se palavras rudes e grosseiras. Qual outro autor do seu tempo ou de tempo qualquer esereve como elle? Não deploraram todos os seus contemporaneos e mesmo os amigos estes excessos? «Oxala que Lutero, diz por exemplo o nosso insigne Patriarcha Calvino, cuidasse seriamente em vencer aquella ira violenta que tão visivelmente o domina.» Tambem Melancton diz que Lutero, seu amigo, era homem brutal, sem piedade, sem humanidade, e mais judeo do que christã. O nobre Willibaldo Pirkheimer, que fôra antes amigo de Lutero e que depois, desgostado, o abandonara, diz: «Lutero com a maledicencia da sua lingua parece-me moniaco e inspirado pelo demonio» (Dollinger, Reform. 1, 587). Bullinger, reformador da Suissa, confessa tambem: «Ninguem escreveu tão sem escrupulo e tão grosseiramente contra a decencia christão como Lutero. Si fosse escripto o livrinho sujo contra os judeos por um pastor de porcos, mas não por um pastor de almas, teria alguma desculpa.» (Bullinger Zurich f. 10) Johannes Dantiscus, embaixador polaco, julga assim sobre Lutero a quem visitou no anno de 1523: «O homem é fallador, mas sómente profere injurias contra o papa e o imperador. Sua falla é violenta e cheia de zombaria. Seus olhos são chammejantes, como se vê as vezes nos possessos. Insupportavel é sua soberba.» (Hipler pag. 54).

Venerando Pastor da minha alma, confesso-vos que ao ler as passagens citadas e muitas outras que a minha pena se nega a reproduzir, e o decoro da minha familia até de fallar nellas me prohibe, a minha pobre consciencia arripou-se toda, e levantando-se contra o meu procedimento, condemnou altamente a minha apostasia da religião de meus paes. Foi-me pre isa uma força hercule de vontade para resistir!

Muito aborrecido quiz largar meus estudos: porém reflectindo em que talvez a inveja ou a vingança tivesse alterado as mesmas obras do illustre varão, me resolvi a continuar, na confiança de que havia entre tantos escriptores protestantes quem afinal justificasse o nosso Reformador. Enganei-me! todos os autores protestantes que examinaram a fundo as fontes da historia estão de accordo de que é impossivel justificar-o, todos dizem a mesma cousa como o protestante Kern; «Lutero era um homem instavel que com a maxima facilidade se deixava arrastar pelas suas paixões e perversas tendencias, e os mais sinceros protestantes reconhecem e condemnam nelle tantos excessos.» (Kern: Monumenta pag. 33.)

Mas, reverendo, si isto é verdade, o que não se pode dividir, dizei-me: *Era Martinho Lutero homem apto para iniciar a grande obra da Reforma do Christianismo?* Porque Deus não chamou para essa santa missão outro homem santo e virtuoso, modesto e decente, mo-

dolo das virtudes, heroe na caridade e na abnegação, como tantos houve entre os papistas naquelle tempo, um João de Deus, um Pedro d'Alcantara, um Carlos Borromeu? os quaes sem fallarem muito em puro Evangelho o praticaram na sua vida, enquanto nosso Pae Lutero, sempre com o Evangelho na bocca, nunca quiz pô-lo em pratica!

Reverendo Pastor, os meus estudos sobre a vida do Fundador da nossa Reforma me abalaram tanto que a minha fé está em perigo de naufragar, si não vos dignardes de me acudir, respondendo-me com a vossa costumada franqueza, porque enquanto não seja ministro nem pastor, tenho com tudo uma alma immortal que dicidamente quero salvar.

No entanto, espero pela vossa resposta. Permitti que eu estude a vida dos outros Fundadores da nossa Reforma, Calvino, Zwinglio e Henrique VIII, na confiança de encontrar nelles verdadeiros Apostolos do puro Evangelho obscurecido e deformado pelos papistas.

Vosso neophyto amargurado.

— « » —

Quarto domingo depois da Epiphania

Evangelho da Festa de Nossa Senhora do Desterro (Math. 2, 13.)

Naquelle tempo, eis que appareceu um Anjo do Senhor em sonhos a José, e lhe disse: Levanta-te, e toma contigo o Menino e sua mãe e foge para o Egypto, e fica lá até que eu te avise; porque Herodes procurará o Menino para lhe dar fim. E, levantando-se José, tomou comsigo, ainda noite, o Menino e sua Mãe e retirou-se para o Egypto. E alli esteve até a morte de Herodes, para cumprir-se o que proferira o Senhor pelo propheta, dizendo: De Egypto chamei a meu Filho.

Explicação.—As perseguições de que deve ser alvo o Messias começam quasi com a sua vida. Mal é nascido, quando, tornado objecto da inveja de Herodes, a quem os Magos tinham dito que iam adorar um rei dos judeos recém-nascido, se vê obrigado a fugir e a ir procurar em paiz estranho segurança que não encontra entre os seus.

Mas que! acaso é esse procedimento digno de Deus, salvar assim seu Filho por meio da fuga? Onde está o vosso poder, Senhor? Todas as pragas com que outra ora feristes o Egypto, para salvar o vosso povo de Israel, não as podeis renovar em favor do vosso filho? E vós, ó Jesus! não sois Deus como vosso Pae, omnipotente como Elle? Que necessidade tendes de fugir para evitar a colera d'aquelle que está na vossa mão? Ah! de certo, o Pae celestial tinha mil meios de subtrahir seu Filho ao furor de Herodes, e era facil ao Menino Jesus inutilisar todas as machinações d'aquelle principe cruel. Mas tendo-se feito homem, Jesus quer ser tratado como homem e deixar occulta a sua divindade até ao momento da sua vida publica em que ha de manifestal-a com seus milagres. Além disso era necessario que se realisasse a propheta de Oseas por cuja bocca havia dito o Senhor: «Chamei meu Fi-

lho do Egypto». Portanto o Menino Jesus devia ser levado para o Egypto a fim de ser d'alli chamado.

Appareceu um Anjo a José e disse-lhe: «Levanta-te, toma contigo o Menino e sua mãe, e foge para o Egypto». E logo José levantou-se, ainda noite, tomou o Menino e a mãe e retirou-se para o Egypto. Que bello exemplo de obediencia perfeita e submissão absoluta á vontade de Deus! Deixar a patria para ir para terra estranha, onde se deve estar sem auxilio, sem amparo, sem consolação da parte dos homens; não saber quanto tempo será necessario alli passar; ter a perspectiva de todos os trabalhos, de todas as fadigas, de todos os perigos inseparaveis de tão longa viagem! Mas José não pensa absolutamente senão em obedecer; não espera para partir que comece a romper o dia.

A retirada de S. José ao Egypto com a sagrada Familia nos ensina que não é licito pretender milagres, e que devemos antes lançar mão dos meios naturaes, confiando sempre na protecção de Deus nas provações que Elle manda.

— « » —

A verdade acerca dos jesuitas

Memorias do P. Francisco Xavier de Ravignan

IV

Sem embargo de nunca devermos desconfiar da misericordiosa protecção da providencia divina, comtudo é bom abriremos os olhos para reconhecer a situação que nos pregaram, attentarmos nos esforços com que a imprensa inimiga diariamente se empenha em despertar odios adormecidos, e manifestarmos finalmente a sua tactica, que não é nova, mas da qual muitos espiritos facilmente se deixam iludir. (*)

Consiste esta tactica em denunciar perigos imaginarios, em tocar a rebatê contra as suppostas invasões da Igreja, em aterrar a opinião com o poder ameaçador dos «jesuitas», palavra magica em que se cifra todo este systema de phantasmagoria, sob o qual se occulta, como é sabido, alguma cousa muito formidavel.

Esta ardileza tão vulgar estará destinada a produzir sempre o que se quer? Na linguagem que fallam certos homens, o jesuita é o espectro levantado deante dos povos para os avassalar e arruinar.

O jesuita é tudo o que se detesta: elle tem commettido todos os crimes, ensinado todos os erros; elle é o flagello, o inimigo do genero humano.

Difficilmente se imaginará uma aberração do pensamento mais estranho e mais perseverante: é uma verdadeira doença mental, que parece curar-se um dia, e que torna a apparecer no seguinte; e todavia, tal qual é, devemos tomal-a em conta, como se fosse alguma coisa seria e posta em razão.

Por ventura poderemos hoje, mais que em outros tempos, esperar que nos comprehendam, se lhes fallamos a linguagem da equidade e do bom senso? Não sei: vou

(*) O P. De Ravignan escrevia estas linhas quando a Companhia de Jesus estava ameaçada de ser expulsa da França.

todavia tenta-lo ainda uma vez e em muito poucas palavras.

A Igreja de JESUS CHRISTO é uma sociedade perfeitamente organizada.

O estudo de sua constituição toda divina, o spectaculo da sua jerarchia, suave e forte ao mesmo tempo, tem arrebatado de admiração a muitos talentos superiores que attentaram n'isso seriamente.

Os Bispos postos pelo Espirito Santo para governar os povos christãos, ensinam, dirigem, e dispensam ás almas dons de graça e de verdade; e sendo auxiliados por numerosos sacerdotes submissos á jurisdicção episcopal, alcançam assim a todas as necessidades do rebanho, e velam para apartar os perigos que o inimigo da salvação não cessa de armar aos fieis.

O Bispo, constituido guarda da fé, deve combater os erros que lhe são oppostos, e condemnar, quando é preciso, dentro da esphera da sua competencia, a obstinação escandalosa e impia.

Acima dos Bispos, dispersos em todo o mundo, reina e governa, por instituição do proprio Deus, o Papa, supremo cabeça da Igreja, centro de unidade, dispensador da jurisdicção, assim como da doutrina. Ao Papa, como pae e juiz universal da christandade, se devem referir e submeter as causas maiores; ao Papa compete em ultima instancia o condemnar os erros e definir as verdades dogmaticas. O Papa pronuncia, regula, define, ordena, promulga os canones, approva, reforma, e seus decretos são lei á qual todos devem obediencia.

Tal é a Igreja. Todos deveriam ter isto presente, e ainda quando um homem tem a desgraça de não crêr, deveria ao menos conservar para com o poder jerarchico da Igreja aquelle respeito que é devido á mais alta expressão de sabedoria, de conselho e de auctoridade que existe sobre a terra, ainda só humanamente fallando. A' vista d'esta magnifica organização, a julgar com reflexão e acerto, que valem as discussões inquietas, as difficuldades sophisticas, ou as revoltas odiantas?

A Igreja fallou e fallou n'esta ordem de verdades, que é do seu dominio. Quem é pois auctoridade para a reprehender e combater? Ao homem que não crê diremos: deixae-nos o direito de lamentar vossos erros, e de nos gloriarmos da nossa fé.

A Igreja vem a ser, em conclusão, o Papa, e com elle os Bispos; seus decretos e seus actos canonicos são os actos da Igreja, nos quaes reside o poder espiritual, sua direcção e sua influencia. E na verdade, ella tem em si mesma os signaes e condições de uma independencia religiosa e soberana, de que tem dado provas tão numerosas e brilhantes, que é um desatino querer denunciá-la ao tribunal da opinião publica, como dominada por interesses inteiramente humanos, e sujeita a não sei que influencias alheias e superiores á jerarchia sagrada.

Perguntar-me-hão a que proposito me entreguei aqui a estas reflexões tão obvias e tão elementares.

Debates que ha pouco se levantaram

m'as suggeriram, e as tornaram, creio eu, muito opportunas.

E' preciso pôr cada coisa em seu lugar, e eu não cessarei de pedir que tenham por bem deixar o seu aos jesuitas.

(Continúa)

— « » —

A PONTE DE FERRO SOBRE O RIO BONITO

No dia 8 de Janeiro p. p. teve logar uma tocante e consolante cerimonia: a benção da Nova Ponte suspensa a fio de arame sobre o Rio Bonito, que corre a 16 kilometros de Nova Trento.

Esta obra tornava-se de toda necessidade, maxime para os colonos polacos estabelecidos na zona do Pinheiral, onde existem 3 capellas filiaes da Igreja de Nova Trento.

O rio é difficil e perigoso especialmente na occasiam de enchentes, e já muitos trabalhos causára aos passageiros.

Esta ponte, que encontrava serias difficuldades, foi levada ao cabo pelo municipio de Nova Trento, por obras gratuitas de mão dos Polacos, Brasileiros e Italianos, sob o impulso do R. P. Luiz Rossi, Superior dos Padres Jesuitas de Nova Trento, ao qual Nova Trento deve mais duas importantes pontes, uma sobre o Rio Grande do Braço suspensa tambem a fio de arame medindo 80 metros, e outra em madeira sobre o Rio Alferes de 60 metros.

A ponte do Rio Bonito mede 40 metros, engenhosa e solidissima.

Estas pontes são obras dos mestres Tyrolenses.

Os Padres, promovendo estas obras de interesse publico, desmentem falsas accusações lançadas por malevolos contra elles, e provam com o facho que, alem do bem espiritual, a que principalmente se dedicam em Nova Trento, tomam a peito os interesses temporaes dos colonos, como tambem dos Brasileiros.

— « » —

ACTOS RELIGIOSOS

Domingo.—Festa de Nossa Senhora do Desterro, Padroeira da Matriz. Missas rezadas ás 6 e 7 1/2 na matriz, ás 5 1/2 no hospital, ás 8 na igreja do Menino Deus e na capella do collegio Coração de Jesus. A's 10 1/2 horas Missa solemne na matriz com sermão depois do Evangelho. A's 6 1/2 horas da tarde terço e novena de N. S. do Desterro.

Segunda-feira.—Dia santo da Apresentação do N. Senhor no Templo e Purificação de N. Senhora. Missas como no domingo. Antes da Missa conventual benção das velas e procissão dentro da matriz. A's 6 horas da tarde terço com benção do SS. Sacramento.

Terça-feira.—Missa de S. Antonio na matriz ás 7 1/2 horas.

Sexta-feira.—Missa do Sagrado Coração de Jesus e Comunhão reparadora do Apostolado na matriz ás 7 1/2 horas. Missa do Bom Jesus dos Passos na igreja do Menino Deus ás 7 1/2 horas. A's 6 horas da tarde Via sacra na matriz.

Sabbado.—Missa de N. S. das Dôres ás 7 1/2 horas na matriz.

REVISTA POLITICA

RIO.—O ministro das relações exteriores publicou a seguinte noticia: O ministro da Bolivia annunciou-me hontem que o general Pando suspendeu a marcha de suas tropas para o Acre, autorisando-o a entrar em negociações de accordo com as bases propostas.

Um dia depois telegrapharam de La Paz, capital da Bolivia, que o general Pando partiu á marcha forçada a frente de uma expedição com destino ao Acre, depois de expulsar do territorio boliviano o vice-presidente da Republica o qual é adversario desta expedição.

Outro telegramma diz que o ministro da Bolivia sollicitou a intervenção dos Estados Unidos, mas o presidente norte-americano declarou ser imparcial no caso Acre.

Toda imprensa do Rio profliga a ousadia do general Pando. Houve grande meeting a fim de tratar a questão. Continuum dia e noite activos os apresfos militares nos quartéis e a bordo dos navios.

VENEZUELA.—Continuam o bloqueio e as negociações entre as potencias alliadas e o sr Bouven, representante da Venezuela em Washington. Este acredita poder assegurar que a solução das negociações será satisfactoria e bem proxima.

A canhoneira allemã Panther tentou forçar a entrada no lago de Maracaibo, fazendo fogo sobre o forte San Carlos, o qual respondeu, obrigando aquella canhoneira a renunciar a sua tentativa. Annunciam de Berlim que o fim do commandante do «Panther» era impedir o transporte de café da Columbia pela bahia de Maracaibo. Retirou-se a canhoneira devido á pouca profundidade do canal.

—«»—

NOSSA BIBLIOTHECA

Devemos ao sr. Luiz Silveira da Veiga, digno encarregado da estação telegraphica da cidade de Blumenau, a gentileza do offerecimento de quatro volumes á bibliotheca da Conferencia de S. José da Sociedade de S. Vicente de Paulo.

Um d'esses livros é a «Memoria Historica da Provincia de Santa Catharina», pelo major Manoel Joaquim de Almeida Coelho, obra que já vae se tornando rara.

—«»—

ALTITUDES

No excellente almanaque editado pela casa Garnier, do Rio de Janeiro, pagina 76, encontra-se com altitude maxima do Estado de Santa Catharina, a serra do Mirador com 492 metros.

Mais de um artigo tenho escripto sobre as altitudes d'este Estado, altitudes calculadas ou medidas por engenheiros diversos e por mim mesmo observadas com o auxilio de um excellente aneroides.

O mais laconicamente possivel mostrei o erro ou omissão do organisador da tabella de altitudes do referido almanaque.

O Campo do Taboleiro, o Cambarella, o Ribeirão e Pedra Branca tem: o primeiro 1270^m; o segundo 950; o terceiro 600 e o quarto 500.

Estas montanhas são observadas d'esta capital.

No interior do Estado apparecem: no municipio de S. Joaquim os campos de Tijucas, Cambajuvas, Mantigueira, Campo de Fóra, Bahù, Santa Barbara, Imaruhy, Rio do Rasto e outros, cujas altitudes estão entre 1200 e 1600 metros sobre o nivel das marés medias.

A cidade de Lages está a 900 metros e a villa de S. Joaquim a 1200.

A serra do Mirador tem 942 metros e não 492.

Ahi ficam as principaes altitudes do Estado de Santa Catharina.

—«»—

O que soube fazer um Padre

(Conclusão)

Comtudo, apesar da incredulidade nos projectos propostos por parte de uns e do desprezo por parte de outros, o padre levou a effeito sua obra regeneradora. A 28 de setembro de 1890 fundou em Santa Croce a primeira sociedade de consumo ou armazem social que vendia, com pequena porcentagem, e só aos proprios socios, o que lhes era preciso e se encarregava de vender por junto os productos dos socios sem intermediarios e por isso com maiores lucros. Em julho de 1891 instituiu em Quadra a primeira caixa rural, uma especie de caixa economica, destinada a fazer pequenos emprestimos aos socios agricultores ou artistas, com juro modico.

Ambas as instituições, dentro de pouco tempo, floresceram além das esperanças concebidas, com evidente vantagem dos socios que deste modo compravam barato, vendiam seus productos bem vendidos, e se viam livres das exigencias dos usurarios, quando precisassem de algum dinheiro emprestado. Os incredulos que trataram o padre de utopista, á vista dos factos, se convenceram do contrario e começaram a olhar com sympathia e interessar-se pelos novos planos.

Apóz estes dois tentamentos tão bem succedidos, Don Guetti atirou-se com mais coragem ainda na via encetada e, desenvolvendo uma actividade digna de admiração, não descansou mais emquanto não viu estas sociedades cooperativas espalhadas por todas as localidades do Trentino.

A este fim mandou publicar um folheto em que, em linguagem ao alcance de todos, expunha os fins das sociedades, a maneira de fundal-as e administral-as e indicava os meios para arranjar os recursos pecuniarios, e o fez espalhar aos milhares por entre o povo. Elle mesmo se deu a percorrer os varios lugares, fazendo conferencias, dando conselhos, desvanecendo duvidas e ajudando, com sua experiencia, os de boa vontade para vencer as primeiras difficuldades que sempre encontram as instituições novas.

Este seu devotamento em beneficio dos lavradores e sua incançavel actividade tiveram exito o mais lisonjeiro, e elle teve a satisfação de ver surgir uma apóz outra grande numero destas abençoadas sociedades populares; de modo que, quando morreu em 1896, deixou fundadas e funcionando regularmente 116 sociedades de consumo, 73 caixas ruraes, 5 adegas so-

ciaes, e mais em projecto varias sociedades electricas para iluminação e fornecimento de força motora a particulares.

Antes de morrer alcançou ainda fundar a união central de todas essas sociedades cooperativas e, com summo contentamento do paiz inteiro, foi elle mesmo eleito presidente. Sem perda de tempo tratou logo de dar as primeiras providencias para abrir um armazem central e um banco em correspondencia com as sociedades menores; projectos que elle não chegou a ver realizados, porque Deus o chamou deste mundo, mas que seus discipulos levaram a effeito e hoje estão funcionando com evidente utilidade material e moral de todo o paiz.

Graças a essa organização social, tão bem entendida e geralmente espalhada, que melhor não possui paiz nenhum (conta 1 sociedade por cada 2627 habitantes) acha-se actualmente o Trentino, a respeito de suas condições economicas, em um estado muitissimo melhor do que 18 annos atraz. Nenhum dos productos do paiz ficou esquecido: o fabrico dos lacticinios e do vinho, o commercio dos casulos de seda e das fructas foram ganhando em perfeição e preço cuja utilidade inteira reverte em proveito dos socios que são os mesmos productores.

Por esta rede de sociedades cooperativas, mutuamente relacionadas, o pobre lavrador já não se vê mais sosinho e abandonado a suas proprias forças; mas sente-se rodeado e amparado por companheiros, os quaes respondem um por todos e todos por um. Segura seus animaes, seus productos: compra barato, vende bem, nem é mais preciso recorrer a usurarios sem entranhas, quando precisam de algum emprestimo.

A' iniciativa de quem deve o Trentino o seu actual resurgimento economico? A' iniciativa de um padre sem meios pecuniarios, o qual, em seu coração amante do povo, entreviu a força da união com garantia illimitada e soube fazel-a comprehender e abraçar com confiança por seus patricios, os quaes, sosinhos, morriam á fome e hoje, unidos, andam de cabeça erguida, bendizendo á memoria de seu insigne compatricio e devotadissimo bemfictor padre Don Lourenço Guetti.

X

—«»—

CONTRA AS MOSCAS

As moscas são muito importunas e incommodas, e invadem os aposentos que habitamos com insistencia intoleravel. Seu contacto faz com que se contraiam molestias contagiosas e mortaes.

Experiencias ultimamente feitas demonstraram a efficacia de um ramo fresco de alfarema para afugentar esses insectos immundos e prejudiciaes. O perfume da alfarema verde, muito agradável ao nosso olfacto, é abominado pelas moscas, que fogem delle e abandonam as aposentas em que forem collocados. Qualquer póde facilmente experimentar o novo meio, posto actualmente em pratica em toda a Europa.